

## **Quem é Sócrates?**

### **As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon***

**Lethicia Ouro de Almeida M. Oliveira**  
**Mestre em Filosofia pelo PPGF-UFRJ**

#### **1. Introdução**

Friedrich Nietzsche pode ser classificado como filósofo crítico da razão.<sup>15</sup> Boa parte de sua obra aponta os malefícios da razão imperante, segundo o filósofo, desde os tempos de Sócrates. Coerente em relação a tais críticas à razão, as obras de Nietzsche não apresentam caráter sistemático e sua maioria constitui-se da compilação de aforismos cuja ligação não é de fácil descoberta. Vale também lembrar que uma de suas principais obras, escrita na maturidade, conta histórias sobre um sábio chamado Zaratustra, nas quais todo conteúdo teórico deve ser revelado pela interpretação do leitor de suas metáforas.

A crítica à razão, o estilo aforismático e a valorização da literatura, podem ser indícios de que Nietzsche não pretende ser coerente em seus textos. Aliás, ao longo deles, podemos encontrar contradições, aceitáveis em sua filosofia, por ser ela crítica do próprio princípio lógico-racional da não-contradição. Um exemplo seria sua opinião sobre Sócrates. Se em muitas passagens ele critica o filósofo grego por, segundo ele, ter inserido a razão na filosofia, em outras elogia-o sem modéstia. Poderíamos aceitar essa contradição em Nietzsche baseando-nos em sua proposta “irracional”.<sup>16</sup> Contudo, os dois aspectos opostos atribuídos a Sócrates podem ser encontrados nos próprios diálogos platônicos em que ele aparece. E não se trata de duas interpretações

---

<sup>15</sup> Cf. MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*, Introdução.

<sup>16</sup> Cf. CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*, p. 36.

As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon* possíveis da figura de Sócrates nos diálogos. Antes esses parecem ter sido escritos tendo em vista a abertura de tais possibilidades interpretativas. As cenas, as palavras e o desenrolar da conversa nos diálogos indicam que Platão desejava ser também contraditório, ou, ainda, como abusava de termos e sentenças ambíguos, pretendia que o leitor interpretasse de forma própria o diálogo. Nesse sentido, toda leitura de Platão seria boa ou revelaria o que Platão intencionava por simplesmente realizar uma leitura própria, como incitava o texto.

Se elementos dos diálogos indicam que Platão queria ser contraditório e/ou queria que a filosofia fosse abertura para que cada um faça sua filosofia, deixamos em aberto. O que nos interessa é o fato de que, segundo esse raciocínio, a leitura de Nietzsche aparece como fiel ao texto. Baseando-nos em seus comentários sobre Sócrates, não podemos dizer que Nietzsche se contradiz, mas que ele apresenta Sócrates como ele é caracterizado por Platão; ou podemos dizer que somente sendo contraditório pode Nietzsche bem interpretar um Sócrates e um diálogo também contraditórios.

Nesse texto pretendemos, partindo dos comentários de Nietzsche, esclarecer as duas caras de Sócrates em um diálogo específico de Platão, o *Fédon*. Junto com Nietzsche criticaremos, por meio do riso, e também com ele elogiaremos Sócrates em seu último dia de vida, tal como é narrado no *Fédon*.

Na introdução do diálogo, Sócrates trata do valor da vida. O tema da crítica e do elogio será, portanto, a vida. Por um lado, segundo Nietzsche, e com ele concordamos, Sócrates mostra-se pessimista em relação à vida, e, por outro, o produtor da possibilidade de que ela seja boa. Essa duplicidade aparece claramente no *Fédon*, diálogo no qual a vida, em jogo constante com a morte,

mostra-se enquanto motor de doença e/ou saúde.

## 2. O riso

Para Platão, o riso se relaciona a tudo que diz respeito aos homens. No livro 10 da *República*, Sócrates diz que não devemos nos lamentar muito das coisas ruins que nos ocorrem na vida porque não sabemos se o resultado daquele fato será bom ou ruim; que não devemos levar tão a sério o que é humano (604b-c). Sócrates valoriza a falta de seriedade e o riso; esse riso também se encontra no enredo do *Fédon*. As coisas ruins da vida, como a morte de Sócrates para seus amigos, não devem ser levadas a sério. É preciso rir de Sócrates, como o fazem outros personagens do diálogo, Cebes, Símiias, e como o faz, posteriormente, Nietzsche.

Cebes levemente ri (62a) e Símiias gargalha (64b) quando Sócrates diz que a filosofia é um exercício para a morte, ou até, estar morto. A vida parece ser desvalorizada. Símiias o acusa: “ – que recomendações, Sócrates – comentou –, dás tu a Eveno [que, se tivesse juízo, seguir-lo-ia o mais rápido possível, isto é, morreria]!” Eveno havia perguntado a Cebes por que Sócrates dedicava-se à poesia quando preso. Sócrates manda que Cebes diga-lhe acerca dos conselhos do *daímon* e acrescenta sugestão de que deve morrer o quanto antes [Cf. PLATÃO]. *Fédon*, 60d-61c. Nietzsche, arguto crítico da tradição filosófica clássica, ri muitas vezes da morte de Sócrates. Nesse subitem de nosso texto trataremos de suas críticas em *A gaia ciência* e *Crepúsculo dos ídolos*. Na primeira obra citada, Nietzsche, por exemplo, diz:

Quisera que também no último instante da vida ele tivesse guardado silêncio... Terá sido a morte [*Tod*], ou o veneno [*Gift*], ou a religiosidade [*Frömmigkeit*], ou a maldade

### Quem é Sócrates?

As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon*

[*Bosheit*] – alguma coisa lhe desatou naquele instante a língua, e ele falou: “Oh, Críton, devo um galo a Asclépio”. Essa ridícula e terrível [*furchtbare*] “última palavra” quer dizer, para aqueles que têm ouvidos: “Oh, Críton, a vida é uma doença!”. Isto é possível! Um homem como ele – era um pessimista! Ele havia apenas feito uma cara boa para a vida, o tempo inteiro ocultando seu último juízo, seu íntimo sentimento! Sócrates, Sócrates *sofreu da vida*! E ainda vingou-se disso – com essas palavras veladas [*verhüllten*], horríveis, devotas [*frommen*] e blasfemas! Também um Sócrates necessitou de vingança? Faltou um grão de generosidade à sua tão rica virtude? – Ah, meus amigos, nós temos que superar também os gregos!” (NIETZSCHE, **A gaia ciência, § 340**)

Para Nietzsche, Sócrates deveria ter silenciado antes de morrer. O que a morte, o veneno, a religião ou a maldade fez sair da boca de Sócrates? “Devo um galo a Asclépio”.

Na filosofia platônica a própria natureza do homem envolve uma dívida ou tarefa, um dever. Segundo a *República*, a justiça é fazer cada um o que deve por natureza (433a). Nietzsche bem interpreta essa dívida ou tarefa como uma doença, pois, no *Fédon*, o cuidado, a *phrónesis*<sup>17</sup>, necessária para a saúde, só será totalmente alcançada pelo homem depois da morte. Nietzsche parece nos dizer algo certo: sim, o grande filósofo grego acha que a vida é uma doença; ele julga-a e sente-a como doença. E, segundo Nietzsche, antes de

---

<sup>17</sup> *Cuidado* é uma das possibilidades de tradução do termo *phrónesis* defendida pela sua relação com a vida prática e pela seguinte passagem de PLATÃO. *Protágoras* 352c: “mas não é a *phrónesis* o cuidado [*boetheîn*, cuidado, ajuda, socorro, resgate] suficiente ao homem?” “*all’ hikanè m eînai ten phrónesin boetheîn to anthrópo;*” Essa possibilidade de tradução também se encontra em DIXSAUT, Monique. *Platon et la question de la pensée*. Paris: J. Vrin, 2000. (Études Platoniciennes, I). Chap. III: De quoi les philosophes sont-ils amoureux? Sur la *phrónesis* dans les Dialogues de Platon, p. 95.

morrer, vingou-se da vida desvalorizando-a.

Mas talvez também aqui seja adequado o juízo de Nietzsche de que as palavras de Sócrates são ocultas, de que ele passava o tempo todo “ocultando seu íntimo juízo e seu íntimo sentimento”. Talvez seja preciso tirar o véu das que pronunciou antes de morrer para saber o que realmente significam. Talvez devamos ouvi-lo com bastante atenção, e até esperteza, para compreendê-lo. As palavras de Sócrates parecem dizer duas coisas, pois, como afirma o próprio Nietzsche, ao mesmo tempo em que soam devotas, causadas pela religiosidade, por outro lado mostram-se ultrajando-la, tendo origem na maldade. Trataremos dessa segunda interpretação no próximo subitem de nosso texto.

Em *Crepúsculo dos ídolos* encontramos uma nova crítica a Sócrates. Se na *Gaia ciência* Nietzsche parece apontar que é possível uma outra interpretação, quem sabe não pessimista, do episódio da morte de Sócrates, dizendo que as últimas palavras de Sócrates podem ser causadas pela religiosidade, no *Crepúsculo dos ídolos* somente o Sócrates doente aparece. Em resumo, nos capítulos 1 e 2 da seção *O problema de Sócrates*, Nietzsche diz que os muitos sábios que há tanto afirmam que a vida não vale nada, que duvidam, sentem melancolia, cansaço e resistência frente à vida, na verdade, estavam eles mesmos doentes, estavam “fisiologicamente padecidos” [**Crepúsculo dos ídolos, “O problema de Sócrates, § 2]**

Ora, segundo Nietzsche, como já havia dito em *A gaia ciência*, o próprio Sócrates não escondia sua doença enquanto vivo ao dizer que devia um galo a Asclépio antes da morte. No *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche interpreta essa última frase. Para ele, era preciso um sacrifício a Asclépio, deus da medicina, para agradecer

As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon* pela cura de Sócrates. Os sábios que afirmavam que a vida não vale a pena são caracterizados por Nietzsche como homens tardios, decadentes, urubus: “Será que a sabedoria aparece na terra como um urubu ao qual um tênue odor a podre a entusiasma?” [**Crepúsculo dos ídolos, “O problema de Sócrates. § 1**]; Sócrates e Platão passam a representar a decomposição grega, Nietzsche os chama de “pseudo-gregos” e até “antigregos”. Para refutá-los a estratégia nietzscheana é simples: segundo ele, ninguém pode dar um juízo de valor verdadeiro sobre a vida porque todo ser vivo é parte dela; e a parte não conhece o todo. Sendo assim, ele questiona: eram esses pessimistas realmente sábios?

Se temos em vista o *Fédon*, Nietzsche parece ter razão em sua crítica. Dizer que a filosofia é um exercício para a morte, que o corpo é um mal ou uma prisão e que a cura e o cuidado acontecem com a morte, como o faz Sócrates, não é ser pessimista?

### 3. O elogio

Contudo, se acima a crítica impera, abaixo Nietzsche, que não hesita em citar filósofos importantes e ridicularizar seus pensamentos e até seus modos de vida, também elogia, aquele mesmo que critica. Pois vê que, até mesmo Sócrates, aquele que funda a lógica e faz de nossas vidas, até hoje, mais racionais do que deveriam, é, na verdade, guiado por algo irracional: por um *dáimon*. O que foi chamado em *A gaia ciência* de religiosidade, num tom que levemente desviava-se do crítico alcançando uma interpretação ambígua do que levou Sócrates a falar antes de sua morte, agora, no *Nascimento da tragédia*, é chamado de força demoníaca. Veja-se que, nesse trabalho, não propomos um estudo cronológico das obras

de Nietzsche, distinguindo uma primeira de uma segunda fase, por exemplo. Sabe-se que *O Nascimento da tragédia* precede a publicação de *A gaia ciência*. Todavia, nossa proposta é mais limitada e simples, e talvez mais arraigada em uma verdadeira perplexidade frente a um texto que nos confunde. O diálogo que narra a morte de Sócrates certamente deixa aquele que o lê numa situação desconfortável. E é exatamente assim que parece ter ficado Nietzsche, ora afirmando, por exemplo, que Sócrates era um pessimista, ora que era conduzido por um instinto dionísíaco admirável. Nos itens 13 e 14 do *Nascimento da tragédia*, Nietzsche diz:

Eis a extraordinária perplexidade que sempre se apodera de nós em face de Sócrates, que nos incita sempre de novo a reconhecer o sentido e a intenção dessa *aparição* [*Erscheinung*], o mais problemático da Antigüidade. Quem é esse que ousa, ele só, negar o ser grego, que, como Homero, Píndaro e Ésquilo, Fídias, Péricles, Pítia e Dionísio, como o abismo mais profundo e a mais alta elevação, está seguro de nossa assombrada adoração? Que *força demoníaca* [*dämonische Kraft*] é essa que se atreve a derramar na poeira a beberagem mágica? Que *semideus* [*Halbgott*] é esse que o coro dos espíritos dos mais nobres da humanidade precisa invocar: ‘Ai! Ai! Tu o destruíste, o belo mundo, com um poderoso punho; ele cai, desmoronasse!’? (NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, § 13) [A tradução foi ligeiramente modificada]

Ora, quem é enfim, perguntamos nós, esse fenômeno, essa força demoníaca, esse semideus? Qual o seu caráter? Eis a resposta de Nietzsche: ele é conduzido por um *dáimon*, por uma vocação divina que comanda sua lógica. Sócrates, que tanto se mostrava como amante dos argumentos, não esconde que o que o faz filosofar é seu instinto, como todo instinto, desprovido de racionalidade. [O Nascimento da Tragédia, § 10]. Esse

### Quem é Sócrates?

As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon*

*dáimon* instintivo, na noite de sua morte narrada no *Fédon*, parece-lhe apontar outro caminho: manda-lhe fazer poesia e ele, confuso, resolve versificar as fábulas de Esopo. Mas não deixa de filosofar, de exercitar, como é descrita no diálogo, a forma mais alta de poesia, na conversa entre amigos. O *dáimon* é a roda motriz do Sócrates lógico. E é também a ilógica paixão que levará à escrita do *Fédon*: Diz Nietzsche: “mais do que todos, o típico jovem heleno, Platão, prostrou-se diante dessa imagem com toda a fervorosa entrega de sua alma apaixonada.”[O Nascimento da Tragédia, § 13]

Nietzsche elogia o caráter instintivo do criador da argumentação, seu *daímon*. No *Fédon* Sócrates afirma que foi também seu *daímon* que lhe designou a morte. Como poderia ter conotações pessimistas uma morte conduzida pela religiosidade, por elementos sagrados e instintivos?

Para compreender esse outro lado de Sócrates é preciso ler o diálogo com cuidado. O corpo, por exemplo, indicado como um cárcere no começo do diálogo, levando-nos à sugestão de que durante a vida estamos sempre presos, pode ter outro significado. Vejamos as passagens em que o termo corpo, *sôma*, aparece para que possamos compreendê-lo melhor.

Ao longo do *Fédon*, o corpo, *sôma*, é associado à prisão, *sêma*, já que dele a alma deve se libertar. A alma deve se libertar de “ter como *guia* a satisfação do que se tem a opinião ser bom: prazeres como comida, bebida e de Afrodite” [*eînai espoudakénai perì tàs hedonàs kalouménas tàs toiásde, oîon síton te kai potôn... tàs tôn aphrodisíon*, 64d]; da situação de “deixá-los *conduzir* seus valores” [*entímous hegeîsthai*, id.], de “dar a *primeira* importância a possuir roupas, sapatos, e outros ornamentos” [*oîon himatíon diarónton ktéseis kai*

*hypodemáton kai toùs állous kallopismoùs... póteron timân dokeî soi, 64e*]. Note-se que Sócrates emprega o termo “corpo” relacionando-o ao comando, condução, a dar primeira importância a prazeres como comida, bebida, de Afrodite e a ornamentos. Quando se critica o corpo, quando se diz que devemos libertar a alma dele, diz-se libertar do comando de certos prazeres, isto é, que somente ou primeiramente esses prazeres vigorem ou tenham importância. É preciso que se dê o valor certo para cada prazer. Sócrates não diz que devemos abrir mão desses prazeres, ou que eles, em medida certa, sejam prejudiciais. Ao contrário, sua crítica é ao seu governo. Ele diz: “deve-se não lhes dar esse valor, mas participar deles tanto quanto é necessário” [*è atimádzein, kath’ hóson mèn pollè anánke metékhein autôn, 64e*]. A crítica ao corpo quer dizer, na verdade, crítica a prazeres não governados pelo cuidado [*phrónesis*] alcançado pela alma. Deixar que esses prazeres nos conduzam, não deixar que a alma governe, é ser descuidado [*aphrosýnes, 67a*]. O corpo, no *Fédon*, representa a possibilidade humana da perdição. O corpo, enquanto personagem dessa possibilidade, impede a busca do cuidado [*phrónesis*]. [Cf. PLATÃO. *Fédon* 65b]

A morte, a libertação do corpo, não pode significar a libertação do comando desses prazeres? A filosofia, o exercício para a morte, afirmação que julgamos antes pessimista, não é exercício para o cuidado, a *phrónesis*? Não seria essa interpretação, além de possível, coerente?

Quando lemos as passagens do diálogo relacionadas à *phrónesis*, chegamos à mesma conclusão. Vejamos na passagem abaixo:

mas a única reta moeda, contra a qual nada há, e que é trocada por tudo, é o cuidado, por isso vende-se e isso

### Quem é Sócrates?

As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon*

compra o que é: coragem, temperança e justiça; o cuidado mantém a ligação da verdadeira virtude...

o ser da verdade é a purificação de tudo aquilo, para termos a temperança, justiça e coragem; e cuidado o que purifica.

(PLATÃO, *Fédon*, 69a,b,c)

A *phrónesis*, pela qual conhecemos a verdade, isto é, alcançamos o ser da verdade, pelo dito, torna possível as outras virtudes; é a ligação entre elas; é o que purifica a alma do homem para que ele possa, então, ser virtuoso. É por ela que se faz possível a boa ação, a ação virtuosa. Em tempos modernos o conhecimento não está necessariamente ligado a uma maneira de viver. Contudo, em Platão, a vida cotidiana e as ações humanas não se dissociam do que sabemos. A *phrónesis* implica em um saber, mas um saber que leva o homem a cuidar de suas ações, que o torna virtuoso.

Sendo assim, toda a cena dramática do *Fédon* pode ser lida como um desenho do que é filosofar, isto é, do que é exercitar-se para encontrar o cuidado. A conversa sobre a morte é a maneira que se tem de viver de forma cuidadosa.

Portanto, a ambiguidade interpretativa que encontramos em Nietzsche, encontramos no próprio *Fédon*. Ela se reflete, ainda, em outros elementos do diálogo: naquilo que bebe Sócrates antes de morrer, o motor de sua morte: o *phármakon*, termo que quer dizer tanto remédio como veneno. Além disso, o paralelo à morte de Sócrates parece ser a menção a Teseu no começo do diálogo. Teseu, filho do rei de Atenas, fez parte da terceira viagem à ilha na qual encontrava-se o Minotauro que o rei Minos de Creta conservava dentro de um labirinto. O rei enviava, de nove em nove anos, sete pares de jovens atenienses para serem devorados pelo Minotauro, com o intento de se vingar de Atenas, já que

seu filho havia sido assassinado na Ática. Teseu viajou na embarcação com os jovens que seriam devorados. O herói venceu: salvou os quatorze jovens e salvou-se. Coincidência ou não, é também quatorze o número de amigos que conversaram com Sócrates antes de sua execução. Sócrates morre ou salva seus amigos e a si mesmo como fez Teseu? Por fim, também encontramos essa ambiguidade no estado de espírito de seus amigos. Conta Fédon a Equécrates: “mas algo intratável [*atekhnôs*], estranho [*átupon*], um deleite trágico [*parên*<sup>18</sup>] me tocou [*moi páthos*]; uma extraordinária mistura composta de prazer [*hedonês*] e dor [*lýpes*]... às vezes rindo [*gelôntes*], outras chorando [*dakrýontes*]...”[PLATÃO. *Fédon* 59a]

Sentiam prazer porque Sócrates parecia feliz [*eidáimon*] em palavras [*lógon*] e comportamento [*trópou*] e porque os amigos filosofavam; dor, porque ele deixa-los-ia.

#### 4. Conclusão

Tendo como questão principal o valor da vida, a atitude pessimista ou valorizadora da vida, esse trabalho encontra-se, pelo visto, em meio à duplicidade interpretativa. Fomos às obras de Nietzsche, procurando nelas, nos episódios em que ele comenta a morte de Sócrates, sua opinião. Em meio às críticas nietzscheanas, quando temos em vista o *dáimon* de Sócrates, Nietzsche parece possibilitar outra interpretação. Sócrates, o filósofo criador da argumentação, defensor do racional,

---

<sup>18</sup> Este termo, que é uma contração de *pareís* (usualmente utilizado por Ésquilo e Eurípides), é próprio das tragédias de Eurípides; quer dizer o mesmo que *êdos*, deleite, prazer. Cf. LIDDELL & SCOTT. *Greek-english lexicon*. Nova Iorque: Oxford university press, 2001.

### Quem é Sócrates?

As duas leituras de Nietzsche exemplificadas no *Fédon* que tomou conta da vida dos homens, era, na verdade, como um semideus guiado por algo instintivo. Nosso intuito foi mostrar que essa duplicidade está presente no próprio texto do *Fédon*. Nele, a filosofia é definida como um exercício para a morte, definição que, se por um lado é pessimista em relação à vida, por outro lado permite a interpretação de que morte quer dizer ser cuidadoso. Quando a alma está livre das paixões desmedidas, que Platão chama de corpo, para meditar, avista a verdade que induz o homem ao cuidado, tradução que propomos para *phrónesis*. Essa interpretação é indicada no próprio texto, nas cenas, palavras, descrições de Platão. Nietzsche é comentador fiel ao texto e/ou Nietzsche e Sócrates são filósofos contraditórios? Deixamos as possibilidades abertas para a interpretação do leitor.

### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Eudoro de Souza. Lisboa: INCM, 1992.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 4. ed. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2007.

DIXSAUT, Monique. *Platon et la question de la pensée*. Paris: J. Vrin, 2000. (Études Platoniciennes, I).

LIDDEL & SCOTT. *Greek-english lexicon*. Nova Iorque: Oxford university press, 2001.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Mário da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo: 2006.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PLATÃO. *Fédon*. Trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo. 2. ed. Coimbra: Livraria Minerva, 1998.

\_\_\_\_\_. *Phaedo*. Trad. de H. N. Fowler. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *Protágoras*. Trad. de Alfred Croiset. Ed. bilíngue. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

\_\_\_\_\_. *A República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.